

A ÉTICA NA MEDICINA

O Exemplo de Egas Moniz

E. MACIEIRA COELHO

Em 13 de Dezembro completam-se quarenta anos sobre a morte de Egas Moniz (1955). Lembrar esta data não é evocar o Prémio Nobel português, mas sublinhar como o respeito do ser humano, em toda a sua dimensão, orientou Egas Moniz no seu comportamento como médico e homem de ciência. Egas Moniz foi o português mais importante do século XX. Foi, como definiu Eduardo Coelho, *o fundador da Medicina Experimental, com sentido do humano nas suas investigações*. Egas Moniz foi o português da audácia inovante. Transformou uma ideia em facto.

Nas *Confidências de um Investigador Científico* Egas Moniz afirma: *Não basta que um investigador científico seja inteligente e estudioso, é preciso que a sua capacidade mental se sinta insatisfeita com as conquistas realizadas e as teorias científicas em curso. Só pelo trabalho regular se pode alcançar o ambicionado objectivo e, o desejado objectivo não surge de improviso. Tomei um plano e procurei executá-lo.* A arteriografia cerebral nasceu da aspiração de curar doentes com tumores intracranianos tentando a sua localização pelo desvio que hipoteticamente deveriam produzir à circulação cerebral. Durante longos meses Egas Moniz reflectiu e experimentou substâncias a empregar, conseguindo um soluto depois de um período de pacientes e fastidiosos ensaios no cadáver, no animal e no homem. Egas Moniz relata: *Parece à primeira vista que estávamos fazendo no homem experiências injustificadas e por isso criticáveis. Se tal doutrina fosse aceite, não haveria nunca progressos na ciência médica. Devemos ter sempre na maior conta a vida humana e, se perigasse, as experiências feitas não teriam sido realizadas.* E, mais adiante, quando descreve que ao terminar a primeira fase do seu plano seguir-se-ia a decisão sobre o local da injeção: *Uma só coisa tinha como assente. Só a visibilidade das artérias do cérebro poderia resolver o problema em toda a sua plenitude. Era preciso injectar a carótida interna! Quando esta ideia surgiu nítida no meu pensamento, quási senti arrepio.* Experimentou no cão, conseguindo a visibilidade das artérias cerebrais, depois no cadáver onde demonstrou o esquema constante na distribuição das artérias cerebrais no homem revelando aspectos - sifão carotídeo e grupo silvico, denominação por ele definidas

e que permaneceram. Então, continua no seu relato: *O trabalho preliminar estava feito; era preciso avançar para o homem. Os doentes foram escolhidos entre portadores de tumores cerebrais. Não quisemos, porém fazer a nossa tentativa que havia de localizar as neoplasias cerebrais sem prevenir os doentes dos nossos propósitos e termos o seu consentimento. Houve doentes que recusaram e respeitamos a sua decisão.* Iniciou, por fim, a injeção da substância de contraste na carótida de doentes. Apenas ao sexto caso conseguiu ver opacificadas, pela primeira vez no homem vivo, as artérias cerebrais, mas o doente morre poucos dias depois. *Esta foi a grande tragédia que ocorreu no desenvolvimento das minhas investigações. Noites de insónia, reprovação de conclusões mal deduzidas, remorsos que não dominava,* confessa com mágoa. Pensou suspender todo o trabalho até aí realizado. Reviu toda a metodologia usada e, depois de prolongada crítica, expôs as suas hesitações numa reunião de médicos amigos. Foi decidido que deveria recomeçar. No terceiro caso, depois do trágico insucesso, conseguiu finalmente e de forma inócua a visualização não só das artérias mas igualmente das veias cerebrais no homem vivo. E, foi mais longe, revelando que a circulação do sangue tem diferentes velocidades do fluxo sanguíneo consoante a resistência dos tecidos. Cinco anos depois da ideia surgiu, por fim, o facto. Médicos portugueses, com o mesmo entusiasmo, continuaram a exploração no homem vivo da circulação do pulmão, abdómen, artérias periféricas, artérias coronárias, circulação venosa e linfática. Egas Moniz completou de uma forma dinâmica a descoberta da circulação do sangue feita por Harvey, com paciência, humildade, angústia, perseverança, com a única finalidade de ser útil ao homem doente. A longa saga que conduziu Egas Moniz à realização da arteriografia e flebografia da circulação cerebral, tem eco em Einstein quando escreveu: *É mais importante ter imaginação do que saber. Não existem sábios. O que existem é homens com infinita paciência.*

Embora a descoberta da arteriografia e flebografia cerebral lhe revelasse um universo de novos conhecimentos sobre a patologia e fisiopatologia do cérebro, Egas Moniz sempre estudioso e insatisfeito, simultaneamente reflectiu sobre a origem de certas psicoses. Afirma nas *Confidências: A ideia da intervenção operatória como tratamento de algumas formas de alienação mental não surgiu de repente. Durante dois anos demos-lhe muita reflexão.* Baseando-se na obra científica de Cajal deduziu que as múltiplas conexões das células cerebrais e a sua interdependência teriam um dos mais importantes papeis, entre outros, na formação dos fenómenos cerebrais. Baseando-se nas investigações experimentais da Pavlov sobre os reflexos, admitiu que na origem de certas psicoses se estabeleceriam círculos sinápticos mais ou menos fixos que seriam necessários interceptar. A formação intelectual de Egas Moniz era de tal forma organicista que chegou a afirmar: *O psiquiatra tem de definitivamente entrar na fase organicista ou, melhor chamada neurológica.* Iniciou um longo e demorado estudo da anatomia e fisiologia dos lobos frontais, dos resultados clínicos publicados sobre a extirpação de secções do lobos frontais em sinistrados da guerra de 1914-1918

e em doentes epilépticos, concluindo: *Um dos lobos frontais pode ser funcionalmente substituído pelo outro; os dois lobos frontais, em conjunto, não só têm importância no desenvolvimento da vida mental como são a sede mais importante da elaboração dos sínteses psíquicas. Contudo, a perda total dos dois lobos frontais não representa o aniquilamento completo da vida mental.* Assim chegou à ideia da leucotomia prefrontal que ele próprio afirmou como temerária. A angústia da dúvida sobre as suas conclusões e deduções teóricas conduziu-o a expor a sua concepção a três colegas amigos, Almeida Lima, Cancela de Abreu e o psiquiatra Sobral Cid. Uma análise demorada da sua exposição deu-lhe o apoio e o estímulo de começar. Inicia, então com Almeida Lima um prolongado estudo da técnica cirúrgica. Sobral Cid, director do Hospital Miguel Bombarda acede a fornecer-lhe os casos clínicos. E Egas Moniz relata por fim: *Mesmo que a minha concepção teórica fosse exacta caminhávamos como cegos nesta prática terapêutica. Daí a necessidade de avançar prudentemente. Só quando nos convencemos que os doentes não corriam perigo, resolvemos actuar com decisão. Todos os factos observados foram tomados em consideração e como as primeiras experiências foram realizadas em casos considerados como incuráveis, a responsabilidade não era grande. A vida dos doentes estava, pode dizer-se, garantida, como as primeiras intervenções demonstraram. O pior que podia suceder era permanecer inalterada a perturbada vida psíquica do paciente.* Em 1936 apresenta em Paris o resultado dos primeiros 20 casos operados: um terço de curas, um terço de melhoria, os restantes sem resultado benéfico da intervenção. Dez anos passados sobre a primeira intervenção de psicocirurgia em Lisboa, um estudo multicêntrico da Grã-Bretanha englobando 1000 casos operados, chega às mesmas conclusões. Depois, veio o aproveitamento da psicocirurgia para a integração social de determinados indivíduos em sociedades de governos democráticos, ou para reduzir a vontade política a opositores ou dissidentes de governos totalitários. Por fim, o explosivo progresso na pesquisa e investigação em farmacologia. Recordo um desabafo que ouvi a Egas Moniz: *Seja como for, com a Leucotomia consegui o que pretendia, a cura ou a melhoria de numerosos doentes considerados incuráveis e uma importante contribuição para demonstrar as relações existentes entre certos sintomas psíquicos e determinadas lesões cerebrais.*

Álvaro Macieira Coelho, professor de biologia celular em Paris e sobrinho neto de Egas Moniz escreve no prefácio da edição em língua inglesa do livro *Confidências de um Investigador Científico: Amateurism caused phantasmagoric descriptions of the rational that led to one of the most controversial attempts of the treatment of the mentally ill. Attempts to destroy the merits of scientists, have been frequently done by those who get second hand knowledge of the facts. In psychiatric field Sigmund Freud and Bruno Bettelheim are other examples of such attempts. To criticize is available to all, creation is available to just a few. Moniz motivation was that of a physician who cared about his patients and worried about their suffering. The reasoning may seem naive nowadays, but science has to be evaluated within the context of the time when it developed. Science progresses through the difficult, strenuous, tortuous path of trial and error.*

Egas Moniz tinha o conhecimento da ciência do seu tempo que estudava com inteligência crítica, interrogando-se com a angústia existencial da dúvida. Pedro Abelardo no século XIII escreveu no prólogo do *Sic et Non* : *O primeiro passo para o conhecimento é a interrogação. É por que duvidamos que inquirimos e, inquirindo apercebemo-nos da verdade.* Egas Moniz, como todo o homem que pesquisa em ciência reconhece a ausência do saber absoluto, inquire, mas uma vez apercebendo-se de uma nova verdade, sabe-a incompleta. A verdade é uma espiral de insatisfação da inteligência humana. Egas Moniz não foi um sábio, foi um homem de sabedoria. As descobertas de Egas Moniz, a sua obra científica, são em síntese uma autêntica teoria de ética no conhecimento do humano, quer dizer, conhecimento do Homem ao serviço do Homem com respeito pelo Homem.